

"Mutations"

Há alguns meses atrás, em Março de 2001, terminou a mediática exposição do "Arquitecto Star" Rem Koolhaas. A exposição - "Mutations" - decorreu em Bordéus e teve a visita de numerosas personalidades do meio cultural mas também da vida política e económica. É que a arte nos nossos dias tornou-se cada vez mais uma operação mediática mercantil. E a exposição de Koolhaas estava ali para o manifestar, para o comprovar.

A operação artística custou 24 milhões de francos e escolheu-se como local os enormes hangares de um aeroporto. Era o cenário perfeito para uma mega exposição da sociedade espectáculo.

Mas não foi apenas o cenário, o envelope da exposição que explicitava esse carácter virtual da arte. Era o seu próprio conteúdo que, numa forma cínica, mostrava eloquentes fotografias com a mensagem bem explícita da exposição. Transcrevo algumas legendas das imagens, incisivas mensagens expressas pela imensa panóplia mediática do delírio informático num aeroporto tornado feira de espectáculos:

- O mundo é cada vez mais um shopping;
- A arquitectura é uma actividade mercantil que serve apenas para gerir, racionalizar e alargar os fluxos de comunicação;
- O espaço é um contentor de lixo;
- A arte é uma burla;

A clareza destes 4 pontos em relação ao que realmente ali se apresentou, era total. A apoteose do mutante, a defesa dos "não-lugares", o apelo à velocidade e à desterritorialização deram a esta exposição uma lógica cristalina. As imagens projectadas eram de cidades cheias de contentores, de lixo amontoado, de miséria convivendo com a opulência, de escadarias rolantes e tubolagens várias no interior de "não-lugares" de feérica publicidade.

Repare-se no paradoxo:

Tanto se alardeava que "o rei vai nú", que se fez dessa evidência, graças à panóplia mediática da exposição, uma manifestação estetizada alienando-a da sua própria motivação denunciadora. A perversidade consistiu numa subtil manipulação que impôs a aceitação do horror e da catástrofe justificadas pela sublimidade plástica de tal acontecimento artístico-cultural: a exposição!

Foi este, a meu ver, o exemplo de uma estética de sedução totalitária. Uma estética que destrói os fundamentos éticos e se expõe como delírio estético artificialmente gerado por experiências virtuais.

A exposição de Rem Koolhaas é assim o "triunfo do consumismo" ou seja o delírio de uma sociedade autofágica que festeja a sua própria ruína.

Em Bordéus, apenas alguns estudantes, professores e desempregados vieram manifestar-se perante o despesismo da exposição e pela absurdidade de tão gigantesca fraude: uma burla com a própria burla.

O cinismo da exposição do arquitecto Rem Koolhaas advém da sua própria ambiguidade e é também o espelho de cada um de nós nesta sociedade concreta em que vivemos, onde a globalização do ultra-liberalismo consumista, nos deixa sem forças vitais para lutar. Por isso, como ele próprio dizia em 1996, "devemos convertermo-nos em irresponsáveis".

A exposição de Rem Koolhaas é uma estranha metáfora que tem a ver com a cidade do Porto.

Este modelo de cidade genérica que se desenvolve agora no Porto, tem até simbolicamente uma casa da música de Rem Koolhaas.

A sua concretização ficará também como símbolo de um despesismo delirante.

Neste momento o que sabemos é que esta "cidade genérica", com o seu projecto de capital europeia 2001, que aparece aos nossos olhos, maquillou fachadas, gerou fluxos e forjou novos interesses para supermercados.

O metabolismo linear da cidade acelerou-se neste novo pulsar de circulações em função de consumismos. Manifesta-se na vontade de destruir os espaços verdes porque não se defende um metabolismo circular da cidade como ecossistema, caracterizada por produzir e reciclar, no interior do seu território, o essencial da sua sustentabilidade ecológica. Isto é o que caracteriza o urbanismo termodinâmico de um urbanismo regenerativo, que tem um entendimento da cidade não como máquina mas como um organismo vivo. Em nome de um esteticismo arquitectónico sem ética - urbanismo "world cities" ultra-liberal - ocultam-se lógicas especulativas.

Na cidade do Porto, com este mesmo tipo de urbanismo referencial, pretendem-se ocupar terrenos do parque da cidade. Em nome de minimalismos neo-modernos apagam-se memórias da cidade na Cordoaria e avança-se, em nome da velocidade, ameaçadoramente contra as árvores da praça do Marquês.

Em nome dos fluxos, da velocidade, das incertezas de conveniência, vai-se impondo, com certeza, a segregação, a especulação, a globalização neo-liberal.

Os projectos de renovação do Porto capital europeia da cultura resolveram os problemas estruturais da cidade?

Houve uma oportunidade de se apoiarem projectos que pudessem realmente levar a cabo o início de um eco-urbanismo. Porém, o urbanismo "renovador" apenas veio maquillar as mazelas estruturais: a segregação social

continua e agrava-se. Nos bairros do Aleixo e S. João de Deus a degradação urbana é degradação humana.

Os problemas da poluição, o agravamento do trânsito, as casas vazias para especulação, etc. são problemas essenciais que não encontraram qualquer espécie de solução.

A arquitectura e o urbanismo restringiram-se a paliativos, ao foguetório do espectáculo de fachadas...

Mas existe uma alternativa ao mundo shopping. A alternativa é o desenvolvimento ecologicamente sustentado, a justiça social e a democracia participada.

A nova experiência perceptiva do território da sociedade pós-industrial deste paradigma emergente, cada vez mais sensível às questões ecológicas, é que o território cultural e a natureza não são antagónicos. O ciclo regenerativo exige cidades ecológicas (eco-polis), exige eco-desenvolvimento.

São várias as iniciativas neste sentido. O projecto do professor Ribeiro Telles, Plano Verde para a Cidade de Lisboa, é uma proposta que marca uma diferença de atitude do urbanista face à irresponsabilidade defendida por Koolhaas.

Felizmente que a sociedade não é uma identidade estética. As contradições sociais e os diferentes paradigmas criam metamorfoses no território. Surgiram já novas gerações de arquitectos e urbanistas que propõem alternativas sociais e territoriais.

Porto Alegre e Curitiba, no Brasil, são exemplo mais conhecidos de várias intervenções mundiais de eco-urbanismo. O livro de Miguel Ruano, "Eco-Urbanismo", assinala sessenta projectos. A Carta Europeia de energia solar na arquitectura e planeamento urbano, foi apoiada pelos nomes mais significativos da arquitectura e do urbanismo contemporâneo (Renzo Piano, Richard Rogers, Gustav Peichl, Frei Otto, F. Jourda, Thomas Herzog, etc...).

Grandes projectos territoriais como o vale de Emscher, na Alemanha e o vale de Toronto, no Canadá, mostram a possibilidade de ecodesenvolvimento numa vasta área territorial.

Teremos que substituir globalização por planetarização.

Como dizia Joseph Beuys, "a revolução somos nós, cada um de nós. Devemos semear... transformar a vida numa obra de arte" porque "todo o homem é um artista".

Toda a preocupação de Joseph Beuys era reactivar os sentidos para uma relação mais profunda com a natureza. Beuys procurou com as várias acções e instalações, ampliar a noção de arte; a escultura social era essa maneira de alargar da pessoa à sociedade, através de acções simbólicas de transformação pessoal e colectiva. Reactivar os sentidos era querer todo o tempo para desenvolver a comunicação com a natureza, a paisagem, o lugar.

Esta é a terapêutica necessária para superar o envolvimento virtual e esquizofrénico em que a velocidade e a pressa pretendem desterritorializar e despessoalizar. A consciência sensorial é essencial para a formação de uma identidade da pessoa; capaz de liberdade, de decisão, de transformação dos condicionalismos. ... o lugar que enraíza a cultura e não o momento que apenas a dispersa.

Estas noções essenciais levaram Beuys a desenvolver o início da célebre operação de plantação de 7.000 árvores. Plantou a primeira árvore diante do museu, em Kassel, num gesto de repovoamento florestal da cidade e de afirmação da "natureza" como essencial para a cultura.

Beuys mostrou ideias fundamentais para estas acções com árvores. ... que elas manifestavam o interesse pelo meio ambiente, mostravam a metamorfose de uma cidade, com as copas crescendo sobre os cidadãos, oferecendo uma multiplicidade de imagens temporais, com o inverno ou o verão, mostrando a vida na polaridade com a morte.

Este ano, em que se comemoram os 90 anos do nascimento de Joseph Beuys e os 20 anos da sua morte com uma exposição sobre ele, com o tema DEFESA DA NATUREZA, surgiram grupos de várias universidades que decidiram prosseguir a obra de Beuys. Esta exposição mostra-nos um filósofo artista que se coloca numa posição diferente do arquitecto Rem Koolhaas.

Beuys procede de um modo alquímico. De materiais simples vai-nos mostrando o sentido duma regeneração possível. Com sementes, com árvores, vai explicitando os valores éticos numa estética em que todos os homens são artistas. A criação da natureza é a criação do homem. Vinte anos após a morte de Beuys, renasce, em vários países, esta vontade de retomar o gesto de Beuys.

Em várias cidades iniciaram-se plantações de árvores com o mesmo sentido ético que presidiu à plantação dos castanheiros que Beuys plantou em Kassel: um acto de vida, um acto de consciência, uma atitude pedagógica.

Aquele tipo de "acções" resultaram como obra de arte que vive na cidade, que floresce como gesto ecológico e que foi também um trabalho de ruptura com a passividade, a resignação e a ignorância sobre a natureza, pela afirmação da autonomia e responsabilidade pessoal na democracia.

Também eu, que não quero o mundo transformado cada vez mais num shopping e a arte transformada numa burla, gostaria bem, no dia Mundial da Árvore, de juntar-me a todos aqueles que queiram plantar uma árvore num lugar público desta cidade. Deste gesto pela vida, talvez se possa gerar uma acção social pública que verdadeiramente se oponha a esta cidade-mercadoria, que se está a construir diante dos nossos olhos.